

REMINISCÊNCIAS DA CIDADE E DA CASA NA OBRA ENQUANTO MEU PAI MORRE, DE ALFREDO GUIMARÃES GARCIA

REMINISCENCIES ON THE CITY AND THE HOUSE IN THE BOOK WHILE DIES MY FATHER, BY ALFREDO GUIMARÃES GARCIA

Mara Genecy Centeno Nogueira¹

Sonia Maria Gomes Sampaio²

Larissa Gotti Pissinatti³

Resumo: O objetivo principal deste artigo é explorar e analisar a cidade e a casa, dois elementos presentes e intrínsecos constitutivos da narrativa na obra *Enquanto meu pai morre*, do escritor paraense Alfredo Guimarães Garcia (2021). O fio condutor da análise é o conceito de topoanálise, de Gaston Bachelard (2000), considerando-se aspectos vinculados à casa e à cidade pelo viés da topofilia e da topofobia, contando-se também com o aporte teórico de Armando Silva (2014), Roberto DaMatta (1977), Jose D'Assunção Barros (2007), entre outros. O texto traz uma leitura sobre a relação entre o indivíduo e o espaço em que habita, explorando a maneira como a cidade e a casa se tornam elementos essenciais na construção da identidade e das narrativas pessoais, no tocante à situação de morte e luto tecida pelas memórias do protagonista.

Palavras-chave: Topoanálise; Morte; Luto; Memórias.

Abstract: The main objective of this article is to explore and analyze the city and the house, two present and intrinsic constitutive elements of the narrative in the work *While dies my father*, by Alfredo Guimarães Garcia (2021), a writer from Pará. The analysis guiding thread is the concept of topoanalysis, by Gaston Bachelard (2000), considering aspects linked to the house and the city through the bias of topophilia and topophobia, also counting with theoretical contributions of Armando Silva (2014), Roberto DaMatta (1977), Jose D'Assunção Barros (2007), among others. The text presents a reading about the relationship between the individual and the space he lives in, exploring how the city and the house become essential elements in the construction of identity and personal narratives, regarding the situation of death and mourning woven by the protagonist's memories.

Keywords: Topoanalysis, Death, Mourning, Memories.

Introdução

Enquanto meu pai morre, romance escrito pelo paraense Alfredo Guimarães Garcia (2021), retrata a jornada de Joaquim, que retorna ao Brasil e a sua cidade natal, chamada

¹ Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia - UNIR; coordenadora do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL). Email: maracenteno@unir.br ORCID <https://orcid.org/0000-0003-0660-2128>.

² Professora Doutora do Departamento de Letras Vernácula da Universidade Federal de Rondônia – DALV/UNIR, vice coordenadora do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (MEL). Email: sonia.sampaio@unir.br ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4466-4397>

³ Professora Doutora do Departamento de Letras Vernácula da Universidade Federal de Rondônia - DALV/UNIR. email: larissa.pissinatti@unir.br. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>

Benquerença, para visitar seu pai à beira da morte, em decorrência do câncer. Na condição de "estrangeiro" - uma vez que optou por sair do país devido ao fato de ser filho de pai considerado comunista pelo regime militar - Joaquim se sentia um estranho, um apátrida.

Ao chegar à cidade, Joaquim começa a relembrar sua infância, adolescência e vários momentos de sua vida adulta. Essas memórias incluem o golpe militar, as perseguições e os tempos difíceis que resultaram no desaparecimento de amigos e no exílio de outros, inclusive o seu, por escolha própria.

A narrativa desvela as impressões singulares acerca da cidade e da casa, enquanto paisagens ancestrais. O narrador, hábil contador de histórias, apresenta ao leitor caminhos de memórias com cenários de vida e morte, que vão sendo descritos conforme o sentimento. Relevos são escavados ao apresentar roteiro tanto da cidade quanto da casa, como fez Bachelard (2000) em seu livro *A poética do espaço*, ao evidenciar a importância do espaço do habitar. A narrativa implementada por Joaquim garante voz ao espaço, uma vez que casa e cidade ganham visibilidade e se tornam testemunha de vidas compartilhadas/experenciadas, abrigo de lembranças em que cada canto e recanto acabam se tornando poema.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo explorar e analisar a cidade e a casa, dois elementos intrínsecos à narrativa em foco. A cidade, com suas paisagens e atmosferas peculiares, e a casa, como espaço íntimo e carregado de significados, desempenham papéis fundamentais na trama e nas experiências do protagonista.

A cidade é retratada não apenas como um cenário físico, mas como um organismo vivo, que influencia e é influenciado pelo narrador. As ruas, praças e construções ganham vida por meio das palavras, refletindo as emoções e memórias do protagonista. A descrição da cidade é permeada por sentimentos e reminiscências, revelando a ligação afetiva e profunda do narrador com esse ambiente.

A casa, por sua vez, é um espaço carregado de simbolismos e significados. Foi na casa que Joaquim vivenciou boa parte de sua vida, e mediante ela, é possível acessar as camadas mais profundas de sua história pessoal. A casa se torna uma personagem por si só, guardando segredos, lembranças e experiências de vida e morte que moldaram o protagonista.

A partir de referências como as de Gaston Bachelard (2000), Armando Silva (2014), Roberto DaMatta (1977), José D'Assunção Barros (2007) e outros, este texto busca oferecer uma análise sobre a relação entre o indivíduo e o espaço que habita, explorando a maneira pela qual a cidade e a casa se tornam elementos essenciais na construção da identidade e das

narrativas pessoais, principalmente em situações de morte e luto vivenciadas pelo protagonista.

2 A cidade e a casa

A casa parece uma nau abandonada num cais de outros tempos. Um navio que vai apodrecendo [...]. Sem elegância alguma. Uma velha senhora com as vestes de décadas já ultrapassadas - todas puídas, se deteriorando - tomando sol em praça pública [...].

[...] Nesta cidade sempre foi assim. Difícil de se perder, sempre me recordavam isso. Só que não são mais os mesmos rumos, claro [...] (Garcia, 2021, p. 7-9).

A cidade, assim como a casa, são construções espaciais que vêm sendo lidas/analizadas pelos mais diversos vieses, dentre eles o literário, como é o caso da leitura aqui proposta. Nessa esteira, a cidade fala aos seus habitantes e se deixa ler por meio de enunciados urbanos, como infere Barros (2007, p. 44):

[...] existe um sistema urbano - com sua materialidade e com as suas formas, com suas possibilidades e os seus interditos, com as suas avenidas e muros, com seus espaços de comunicação e os recantos de segregação, com os seus códigos [...]. A metáfora linguística do universo urbano aqui se sofisticou: existe a língua a ser decifrada (o texto ou o contexto urbano), mas existe também o modo como os falantes (os pedestres e habitantes urbanos) utilizam e atualizam esta língua, inclusive criando dentro deste mesmo sistema de línguas as suas comunidades linguísticas particulares (dentro da cidade existem inúmeros guetos, inúmeros saberes, inúmeras maneiras de circular na cidade e de se apropriar dos vários objetos urbanos que são partilhados por grupos distintos de indivíduos).

Como resultado do constructo humano, como diz Lefebvre (1986), a cidade é produto de diversas transformações ao longo da história. Desde tempos antigos, passando pela cidade-estado, cidade murada, cidade comercial e cidade industrial e, a partir daí, adquiriu uma multiplicidade de formatos que testemunharam ou testemunham a complexidade das sociedades humanas. Para o referido filósofo, a cidade não é apenas um aglomerado de construções e infraestruturas, mas também é o lugar onde o habitar se manifesta. O habitar na cidade implica a apropriação dos espaços pelos seus sujeitos sociais, a construção de relações e a criação de identidades urbanas.

Por outro lado, a casa é vista como um espaço privado, no qual as relações são mais pessoais e afetivas. É na casa que se estabelecem os laços familiares e as relações de intimidade, o lugar onde os indivíduos encontram conforto, segurança e identidade. A casa

representa a esfera do particular, da proteção e da continuidade das tradições e valores familiares (DaMatta, 1987).

Como destacou o ensaísta francês Bachelard (2000), a casa é mais que uma mera construção física: ela é um espaço psicológico e simbólico que reflete os sentimentos e as emoções dos indivíduos. O autor argumenta que a casa é um abrigo onde as pessoas se sentem protegidas e podem se expressar livremente. A casa é um lugar em que o indivíduo constrói sua identidade e experimenta uma sensação de segurança e pertencimento.

No romance *Enquanto meu pai morre*, a casa e a cidade são retratadas por Joaquim como espaços envelhecidos, tendo em vista que a leitura feita por essa personagem reforça o estado de luto que vivenciava tanto pelo país, pobre e dividido desde o regime militar, quanto pelo dilema vivenciado por seu pai, velho comunista, acamado, consumido pelo câncer. É nesse cenário de luto que Joaquim passa a descrever a cidade e a casa. Para ele, ambas não passam de corpos envelhecidos, naus abandonadas, que foram apodrecendo com o tempo, porém recheadas de memórias, algumas boas e outras ruins.

A cidade não passa de um nome na certidão de batismo e está longe de ser a pátria idealizada da sua juventude. Era “uma memória inalcançada. Era assim que a via quando estava fora do país. É assim que a vejo hoje quando eu volto” (Garcia, 2021, p. 9). A cidade pertence àqueles que haviam adiado seus sonhos e iam apodrecendo junto com as casas.

As memórias que a personagem carrega não são as melhores, uma vez que fora tachado de filho de comunista, como já mencionado, e, conseqüentemente, não era benquisto pela população de Benquerença. Além disso, sabia do que o trazia de volta àquela cidade e àquela casa. O exílio agora seria dentro. Era o momento de remexer gavetas da memória, abrigar sótãos, rever ambientes internos e de encontrar-se com o pai no leito de morte, como se pode observar no excerto abaixo:

É assim mesmo que sigo, como a personagem do poema de Fernando Pessoa: em “encantamento”. Nada sei do que virá. Nada sei do que me acontecerá. Por ora o caminho íngreme, cujos paralelepípedos foram cobertos pela espessa e dura camada do asfalto, após passar pelo colégio religioso, vai me levando até a casa do velho. A casa da solidão. A casa doutro exílio. A casa onde as sombras – umas de muito antes, revolvidas pelo passado, outras que se adensam em minha vida de agora, todas se acomodam aqui no lado esquerdo do peito. Quando o carro para em frente à casa, meu coração fica em suspense. O tempo para quando desço. O tempo ancora em minha alma quando piso a calçada. Estaciono meus quase quarenta anos no primeiro degrau dos três que dão até a porta de entrada. Então caminho, bem devagar, como se fosse adentrar ali pela primeira vez, e abro a porta (Garcia, 2021, p. 15).

A sensação causada ao leitor é a de que a casa é um espaço de solidão, o reduto da concha, ou seja, é lugar onde o indivíduo se volta para dentro de si. É a região da intimidade, é a âncora que impede o afundar-se no passado. Ao adentrar a casa, Joaquim é tomado de lembranças. O álbum de fotografias o direciona a um passado que oferece pistas daquilo que ele foi e do que se tornou. As imagens vão tecendo lembranças da infância e até mesmo da origem do seu nome. Nome pelo qual ele não se reconhecia, até o dia em que o tio materno explicou o significado: “aquele que Deus elevou” (Garcia, 2021, p. 20).

Nos fios narrativos desencadeados por Joaquim, verifica-se a possibilidade de toponímia (Bachelard, 2000) propiciada pelo texto. É evidente a dualidade das lembranças da cidade na narrativa do protagonista. Cada rua e cada canto carregam reminiscências marcantes do ano de 1964, quando a cidade foi dominada por homens verde-oliva, que prendiam aqueles que desafiavam a ordem imposta pelo golpe militar

A relação de Joaquim com as ruas da cidade é complexa, representada por um misto de amor ao lugar (topofilia) e medo do lugar (topofobia). Algumas paisagens evocam boas lembranças da convivência com amigos, enquanto outras estão impregnadas de elementos topofóbicos, consequências do militarismo, perseguições, prisões e mortes ocorridas após o golpe de 64

Entre as lembranças positivas, Joaquim menciona a rua e o casarão do velho Capitão Massapê. Essa lembrança é revivida ao rememorar os domingos em que passava por ali e observava a movimentação das pessoas no enorme jardim ao lado da edificação. Essas cenas trazem gestos, risadas e brincadeiras que ecoavam pela rua, evocando uma atmosfera agradável e nostálgica.

Percebe-se, assim, como o espaço da cidade se torna uma extensão da memória e da identidade do protagonista. As ruas e os lugares específicos carregam significados profundos, representando momentos marcantes de sua vida. Enquanto algumas paisagens evocam boas lembranças da convivência social e afetiva, outras desencadeiam sentimentos de medo e angústia, relacionados ao contexto político e social da época.

Na narrativa, a casa adquire a profunda dimensão de uma "lembrança relicária", carregada de significado e memórias que parecem adormecidas, mas que ganham vida através do poder evocativo dos compartimentos e dos sentidos. A casa se torna um espaço carregado de simbolismos e afetividade, onde as lembranças se tornam vívidas e agudas.

A descrição da casa como uma "lembrança relicária" sugere ser ela lugar que preserva fragmentos preciosos do passado, como se fosse um museu das experiências vividas pelo protagonista. Embora pareça inerte ou estática, a casa está repleta de memórias que ressurgem em seus compartimentos, cada um com suas próprias histórias e significados. Cada cômodo, cada objeto, cada cheiro de comida traz à tona vivências e sentimentos associados a experiências passadas.

O cheiro de comida na casa pode remeter a momentos vividos em família, a refeições compartilhadas... E essas sensações olfativas despertam lembranças que estavam guardadas nas chamadas da mente. O quintal e o jardim, por sua vez, podem trazer à memória brincadeiras de infância, encontros com amigos ou momentos de contemplação e tranquilidade.

O armário do quarto vazio é outro elemento que ganha destaque na toponímia. A imagem do armário vazio pode simbolizar a ausência e a saudade de alguém que já não está mais presente naquele espaço. Essa lembrança pode evocar sentimentos de perda e nostalgia, mas também de esperança e desejo por um reencontro ou pela chegada de novas pessoas que preencham esse espaço vazio.

A menção à pia vazia, "à espera de vidas que venham ocupar o espaço com seus corpos, seus sonhos que invadirão as manhãs" (Garcia, 2021, p. 45), amplia ainda mais a carga transmitida da/pela casa. A pia vazia pode representar a necessidade de acolher e receber novas vivências, novas pessoas e novos sonhos. A casa é vista como um lugar que está pronto para abrigar e testemunhar as histórias e jornadas daqueles que a habitam.

A casa revela a relação íntima entre Joaquim e o espaço que ele habita. Cada passo dado na casa ativa suas memórias. A sala de estar, por exemplo, transformou-se em um ambiente carregado de significado e simbolismo. É um espaço cujas paredes estão adornadas com fotografias de pessoas que parecem olhar o protagonista de esguelha, conferindo um aspecto intrigante e misterioso ao ambiente. As figuras que habitam tais fotografias já estão mortas, mas, ao mesmo tempo, estão presentes por meio das imagens. A casa expressa um luto extremo. Tudo nela é passado.

Ao contemplar as imagens dos entes queridos, pode-se dizer que a narrativa de Joaquim se aproxima do relatado no estudo de Juliana Schmitt (2010) sobre os costumes fúnebres durante o governo da rainha Vitória. Nessa época, a própria rainha, ao perder seu marido, adotou um luto que durou 40 anos, exemplo que acabou por influenciar toda a

sociedade. O preto se tornou a cor dominante associada à morte, envolvendo-se em símbolo da burguesia industrial emergente.

Essa sociedade enlutada também instituiu uma prática significativa: a fotografia como lembrança e relíquia dos entes queridos falecidos. Tal tradição buscava garantir a presença do ausente no seio familiar, perpetuando suas memórias através das imagens capturadas. Assim, a morte e a lembrança dos mortos se entrelaçaram profundamente na cultura vitoriana, moldando os costumes e crenças de toda uma era. Segundo Schmitt (2010, p. 178),

[...] O registro post-mortem era feito nos primeiros dias de luto, preferencialmente o mais rápido possível, para que os sinais iniciais de decomposição não se tornassem visíveis. Era feito em casa ou estúdio. Seu aspecto mais intrigante era a constante tentativa de se obter uma imagem viva do finado. Para tal, era ajeitado de maneira realista, em pose sentada, às vezes mesmo em pé, com objetos em mãos. Vestia-se e maquiava-se o cadáver para que tivesse uma aparência agradável e realistas.

Observando a decoração da sala, Joaquim percebeu diversos elementos que lhe despertaram memórias afetivas. A mesa de tampo de vidro no centro da sala é um ponto focal que, provavelmente, foi palco de inúmeras reuniões familiares e momentos compartilhados. Ao redor dela, há um arranjo de flores e bibelôs trazidos pelas tias, reforçando a atmosfera familiar e a presença de pessoas queridas que deixaram suas marcas naquele espaço. Porém, todos os objetos estão empoeirados, abandonados, como quase tudo na casa e na cidade.

A cristaleira ostenta louças usadas em ocasiões especiais, como jantares em família, no natal e nos festejos do Círio de Nazaré. Esse detalhe reforça a ideia de que a casa é um lugar que abriga momentos de celebração, de festividades e união familiar. Ao lado das louças, há inúmeras garrafas de bebidas. Essa imagem pode representar tanto os momentos de descontração e alegria, vivenciados entre familiares e amigos, quanto a possibilidade de haver, nesse mesmo espaço, lembranças relacionadas ao consumo de álcool e situações menos felizes.

A sala de estar é um espaço onde o passado e o presente se entrelaçam, onde as memórias ganham vida e influenciam a experiência de Joaquim no momento presente. Os objetos, a decoração e as fotografias são gatilhos que nele ativam lembranças e despertam sentimentos diversos, moldando sua relação com esse ambiente familiar e íntimo.

A descrição da sala de estar e seus elementos retratam a importância do espaço do habitar na construção da subjetividade e da identidade do protagonista. As memórias que se

manifestam nesse espaço funcionam para a compreensão das experiências passadas e das relações afetivas que moldaram sua história de vida. Observe-se o trecho em destaque:

São essas memórias que atravessam as paredes seculares, que andam como ectoplasmas pelos aposentos, que se aninham nas cornijas, que ensaiam medidas ou se agigantam. São eles estes pássaros cujos pipilos somente eu ouço; são eles estes voos a que só eu tenho acesso.

São como a poeira que ficou assentada em cima dos móveis, dos bibelôs, das quinquilharias, por todo esse tempo que a casa esteve fechada, e a agora, sob o sopro de novas vidas se ressumbrassem (Garcia, 2021, p. 46).

Nesse trecho, a casa é retratada como um repositório de lembranças para o narrador. Cada espaço visitado dentro dela é associado a memórias específicas e a experiência de reviver essas lembranças é deixada ao retirar a poeira dos móveis e objetos. Essa metáfora da poeira sendo retirada pelas lembranças simbólicas, como as gravações antigas, são resgatadas e trazidas à luz novamente, ao atravessarem as paredes do espaço físico da casa, dando a ideia de que cada cômodo é carregado de significados pessoais e afetivos.

Além disso, a ideia de que as memórias atravessam paredes pode ser vista como uma forma de transcendência do tempo e do espaço físico. As memórias que se manifestam na casa permitem que o narrador viaje no tempo, revisitando momentos passados e revivendo experiências.

3 O luto na cidade e na casa

A narrativa de Joaquim sobre a cidade e a casa possibilita uma análise permeada pelos conceitos de topofilia e topofobia, especialmente no capítulo intitulado *Velório*, no qual as sensações e lembranças relacionadas à morte são evocadas. No referido capítulo, o protagonista expressa sua topofobia em relação aos velórios. A casa, local onde estava sendo velado o corpo de Áureo, seu amigo de infância, despertou-lhe sensações não muito agradáveis, uma vez que o odor das velas lhe era insuportável.

Por outro lado, é possível inferir que a narrativa também pode refletir elementos de topofilia, embora de forma ambígua. A cidade e a casa podem ser consideradas locais de afeto, pois são espaços nos quais Joaquim experimentou suas memórias e vivências. No entanto, o capítulo *Velório* enfatiza principalmente a topofobia, focalizando a narrativa no desconforto do protagonista em relação aos velórios e suas evocações de morte.

Essa interação complexa entre topofilia e topofobia na narrativa pode revelar a natureza contraditória dos espaços habitados pelo protagonista. A cidade e a casa, por um lado, representam a familiaridade e a segurança das memórias construídas, enquanto os velórios são marcados pela presença da morte, evocando medo e aversão.

Durante o velório de Áureo, Joaquim é invadido por lembranças da infância e pela notável capacidade talentosa e crítica de seu amigo. Nesse momento, ele percebe com maior clareza que sua geração está envelhecendo e partindo desse mundo. Fica impactado ao notar que quase todos os presentes trajam preto, a cor tradicional do luto, o que o leva a refletir sobre a passagem implacável do tempo e a efemeridade da vida. Essa experiência faz com que Joaquim compreenda a finitude humana e a importância de valorizar os momentos vivenciados com entes queridos.

As emoções de tristeza ficam evidentes nas palavras de despedida que Joaquim proferiu ao amigo. No velório, ao recitar um dos poemas escritos por Áureo, auxiliar no carregamento do caixão até o carro funerário e, por fim, testemunhar o sepultamento, sua dor se torna ainda maior. Uma parte significativa de sua própria vida partia junto com o amigo, e, com o coração pesado, chora em silêncio, nutrindo a saudade que agora preenche seu ser.

Nesse contexto de morte e dor, outra situação que merece destaque consiste dos momentos que antecedem o desencarne do pai, o velho comunista. Joaquim e Benedito, seu irmão por parte de pai, permanecem em silêncio, aprisionados em suas lembranças, enquanto aguardam o desfecho no quarto do pai doente. Ao contemplar seu irmão, Joaquim reflete sobre a responsabilidade da vida. A frase "Nascemos para a morte" (Garcia, 2021, p. 124) ecoa em sua mente, trazendo à tona a efemeridade da existência humana. Recordar-se de sua infância e das histórias que o pai contava com suas vozes distintas que preenchiam a casa; ao mesmo tempo, recorda-se das grandes obras lidas no gabinete de trabalho do pai.

Joaquim resiste em aceitar a transformação de seu pai causada pela doença. A magreza, que se manifesta como pele e osso, é um choque para o protagonista, que se recusa a acreditar no estado atual em que se encontra seu ente querido. A doença parece alterar a imagem que Joaquim tinha de seu pai, confrontando-o com a condição humana.

Nesse momento de despedida, a cidade e a casa se tornam cenários carregados de nostalgia e reflexão para o protagonista. Suas memórias se entrelaçam com o presente, reafirmando a importância dos espaços e das experiências vividas ao longo da vida. O desenlace do velho comunista é um momento de conexão profunda com a história familiar e

com a finitude da vida, evidenciando a riqueza emocional e protegida que os espaços habitados podem abrigar (Silva, 2014).

A casa mergulha cada vez mais no silêncio, enquanto a sombra da morte paira ao seu redor. Joaquim nota a ausência de qualquer fresta para a passagem de som, o que reforça a sensação de quietude angustiante. Seus olhos se voltam para o irmão, Benedito, cuja existência lhe havia sido revelada apenas quando voltara para sua cidade natal. O cansaço também pesa sobre Joaquim. E a espera parece pesar não só sobre eles, mas também sobre o ambiente da casa.

Numa noite de insônia, Joaquim relatou ter escutado ruídos vindos do quarto de seu pai. Ao se aproximar, imaginou ter ouvido um pedido de perdão vindo dele. Mas perdoar o quê? Essa pergunta ecoava na mente de Joaquim, trazendo à tona mistérios e questões não resolvidas sobre o passado de seu pai e sua relação com a família.

As paredes mudam e a aura silenciosa da casa parece refletir o estresse e os segredos familiares, adicionando um elemento enigmático ao ambiente. A iminência da morte e a descoberta tardia do irmão acrescentam complicações de complexidade emocional à narrativa, levando Joaquim a confrontar não apenas a finitude da vida, mas também os mistérios e lacunas em sua história familiar.

A cena que retrata o estado do pai remete ao estudo de Philippe Ariès (2003), conhecido como "morte do outro". Esse momento representa a finitude do ser, em que o quarto do moribundo se torna um espaço de reconciliação e pedidos de perdão feitos pelos doentes aos familiares e amigos. É o momento do julgamento final, em que as contas são acertadas. A narrativa de Joaquim consegue situar o leitor exatamente nesse momento de desenlace, em que o perdão não é apenas unilateral, mas também se manifesta por parte do filho.

A cena está impregnada de uma carga emocional profunda, revelando aos familiares o momento da finitude do ser e a busca pela redenção e pela paz antes do fim. Diante de sua passagem, com a aproximação da morte, o pai procura acertar as contas com seus entes queridos, pedindo perdão por possíveis mágoas ou desentendimentos do passado.

Ao situar o leitor nesse instante crucial da narrativa, Joaquim o toma por testemunha das intensas emoções e pensamentos que permeiam a cena. O perdão, além de ser concedido ao pai, também é experimentado pelo próprio filho. Nesse momento, Joaquim confronta suas

próprias questões e ressentimentos, reconhecendo a importância de deixar de lado as desavenças passadas e buscar a reconciliação com seu genitor.

A abordagem da "morte do outro" na narrativa de Joaquim acrescenta uma profundidade psicológica à história, mostrando a dimensão humana presente na trajetória de vida de cada personagem. O desenlace se revela como um momento de catarse e reflexão, em que se evidenciam a natureza complexa das relações familiares e a oportunidade de se alcançar a paz interior, ao confrontar as questões relacionadas à finitude e ao perdão.

4 Considerações Finais

Ao analisar a obra *Enquanto meu pai morre*, o leitor se sente inundado por uma mistura de emoções, pois as reminiscências de Joaquim se entrelaçam às próprias lembranças desse leitor. A narrativa o transporta de volta à casa da infância, onde os cheiros característicos, os compartimentos e os objetos carregam vida e significado. Recordam-se dos almoços de domingo, das risadas, dos segredos compartilhados, das brigas e dos momentos acolhedores vividos em família.

A experiência narrada também desperta outros gatilhos, trazendo de volta à mente a cidade onde se viveu a infância e a juventude. Pela vivacidade das lembranças, são revisitados lugares importantes e outros que trazem sentimentos negativos. A cidade se torna uma paisagem emocionalmente carregada, cada esquina e cada rua evocam experiências vividas, sejam elas agradáveis ou dolorosas.

Com base na narrativa, compreende-se que o espaço da memória tem o poder de conectar o indivíduo com suas histórias pessoais, transportando-o para um passado que o moldou e o tornou quem é hoje. A casa e a cidade são espaços de nostalgia, onde os sentimentos e as vivências se entrelaçam, formando uma teia complexa de emoções.

As palavras de Joaquim levam o leitor a refletir sobre a importância das memórias e como estão intrinsecamente transmitidas ao/pelo espaço em que se vive. Cada canto da casa e cada rua da cidade podem ser gatilhos poderosos, que desencadeiam uma enxurrada de sentimentos e lembranças. As memórias são 'pedaços' que ressurgem quando menos se espera, colorindo a existência de cada pessoa com suas nuances e significados.

Pela ótica da narrativa, o leitor é convidado a reexaminar suas próprias memórias, a olhar para trás e resgatar as experiências que moldaram sua jornada. A casa e a cidade são

cenários onde a história pessoal se desenrola, e, assim, cada detalhe tem o poder de transportar para momentos vividos, sejam eles felizes ou desafiadores.

A narrativa de Joaquim proporciona uma viagem emocional pelo passado, um mergulho profundo nas lembranças. A casa e a cidade possibilitam uma reflexão sobre a importância de se ter raízes e lembrar as experiências que completam cada indivíduo. Afinal, o ser humano é feito de memórias e é através dessas memórias que se perpetua sua existência além do tempo e do espaço.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- GARCIA, Alfredo Guimarães. **Enquanto meu pai morre**. Bragança: Parágrafo, 2021.
- LÉFÈBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1986.
- SCHMITT, Juliana. **Mortes vitorianas: corpos, luto e vestuário**. São Paulo: Alameda, 2010.
- SILVA, Armando. **Imaginários, estranhamentos urbanos**. São Paulo: SESC, 2014.